



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

17 DE SETEMBRO DE 1976.  
VISITA AO JAPÃO.  
DURANTE ALMOÇO OFERECIDO PELO  
KEIDANREN.

Senhores,

É, para mim, um grato prazer este contato de hoje com os representantes das organizações empresariais do Japão. Grande tem sido o papel de muitas dessas organizações no desenvolvimento econômico de meu País — contribuição essa que desejo, desde logo, reconhecer e ressaltar. Estou certo de que a experiência da associação de interesses nipônicos e brasileiros, em vários campos de atividades, constituirá exemplo e estímulo para outras entidades empresariais aqui representadas.

Já hoje não surpreendem as comparações entre os nossos países. Tão distantes um do outro pela geografia e tão distintos na sua ancestralidade, ofereceram ambos ao mundo, em dado momento, o espetáculo de acelerada modernização econômica, o que levou até a que se falasse de um «milagre brasileiro» como antes se falara, com justiça, de um «milagre japonês».

Lisonjeiras como possam parecer essas expressões, não nos devem confundir na verdadeira apreciação da realidade. Pois não há milagre onde o resultado alcançado decorre da escolha racional de objetivos, da determinação inquebrantável de

alcançá-los, da escolha judiciosa dos meios e, sobretudo, de uma consciente dedicação e esforço coletivos. Esse foi o segredo do milagre japonês, como teria sido o segredo dos êxitos brasileiros.

Indispensável, no Japão como no Brasil, foi a tomada de consciência, pelo povo todo, da idéia do desenvolvimento, a convicção generalizada de que a independência política e a econômica mutuamente se condicionam e suportam e de que esta última só se poderá alcançá-la com uma plena mobilização nacional. Indispensável, em ambos, foi a compreensão da necessidade de criar estruturas econômicas modernas, adequadas às características da sociedade que se queria construir.

Essa tomada de consciência quanto aos objetivos e essa compreensão quanto aos meios tornaram-se fecundas em cada um de nossos países por haverem ocorrido, simultaneamente, entre homens de Governo e entre homens de empresa. No Japão, foi a imaginação e o espírito empreendedor do empresário privado, aliados à visão renovadora do País por parte dos homens de Governo, que tornaram possível o extraordinário surto de progresso econômico que colheu a admiração mundial. No meu País, fenômeno semelhante está ocorrendo e não admira, pois, que resultados parecidos dele possam decorrer.

A harmônica interação entre os homens de negócio e os homens de Governo, se é fecunda nos momentos em que a conjuntura econômica favorável impulsiona o progresso, torna-se essencial nas ocasiões de crise.

Ora, vivemos ainda fase de reajustes profundos em nossas economias nacionais, como resultado das crises por que tem passado a economia internacional em anos recentes. Refiro-me à crise que nos levou, a todos, a repensar nossas prioridades em termos de produção e utilização da energia. Mas refiro-me, também, às crises que têm abalado as estruturas a serviço da cooperação financeira e comercial. Tais crises a todos atingem, mas em graus distintos. E variável é, também, a capacidade nacional de enfrentá-las, como diversos são os remédios disponíveis.

Felizmente para o Brasil, somos um País otimista. Vemos, nas crises, um desafio e, até hoje, não nos faltou nem imaginação para buscar soluções nem determinação para pô-las em prática. Característica marcante do modo brasileiro de enfrentar esses reptos, tem sido o bom entendimento entre os setores público e privado e a cooperação no plano internacional.

Talvez a concordância de nossos processos econômicos tenha favorecido a cooperação nipo-brasileira. Talvez a circunstância de que o Brasil haja acolhido, fraternalmente, grandes correntes imigratórias japonesas tenha contribuído para o mesmo resultado, criando laços invisíveis de simpatia e de entendimento entre o Japão e o Brasil. Fato é que somos, hoje, países intimamente ligados, também, por interesses econômicos. Os investimentos nipônicos no Brasil aumentaram sensivelmente nos últimos anos, fazendo com que o Japão dispute, hoje, o segundo lugar entre os países com maiores inversões

diretas no Brasil. Não menos importante é esse mesmo fluxo visto do lado dos interesses empresariais japoneses. Pois o Brasil já é o quarto mercado mundial para os investimentos japoneses. Nosso comércio recíproco apresenta índices significativos do crescimento. Como parceiro comercial do Japão, o Brasil situa-se até acima de vários países industrializados, entre os quais a maioria dos países integrantes da Comunidade Econômica Européia.

Os níveis alcançados na cooperação econômica e comercial entre nossos países estão longe, porém, de representar, significativamente, as potencialidades dessa cooperação.

O Japão tem uma economia dinâmica, com fundamental necessidade de matérias básicas para sua indústria e com um mercado consumidor crescentemente exigente. Nossa economia, não menos dinâmica, caracteriza-se pela abundância de recursos naturais, inclusive território, ainda inaproveitados, pela avidez de recursos financeiros para sua exploração, pela necessidade premente da incorporação de tecnologia avançada no processo produtivo e pela versatilidade da produção industrial. São, pois, bastante variadas e amplas as possibilidades de complementação dos interesses econômicos entre nós.

Seria de desejar-se que, em suas relações recíprocas, os homens de negócio de nossos dois países revelassem o mesmo espírito criador que dispensaram ao dinamismo das respectivas economias. Penso, por exemplo, nos benefícios que resultariam, para ambos

os povos, de uma progressiva elevação do grau da cooperação em níveis de crescente desenvolvimento tecnológico. O progresso neste setor, longe de desservir ao intercâmbio, favorece-o, dando densidade às relações econômicas e substituindo uma instável interdependência vertical por uma interdependência horizontal, de caráter mais racional e equilibrado.

O Brasil, sabem os Senhores, fez a opção de desenvolver-se sob a forma de uma sociedade aberta, em que a cooperação com outras Nações é de fundamental importância. Essa cooperação não nos tem faltado, nem, de nossa parte, temos deixado de prestá-la. E essa evolução é favorecida pelo fato de havermos podido instituir, no país, ordem econômica e social com estabilidade política. São condições de qualquer progresso interno e, também, a maior garantia e o maior estímulo à confiança internacional.

A Revolução de 1964 encontrou o Brasil à beira de um colapso. Medidas rigorosas fizeram-se imediatamente necessárias seja para conter a inflação — que ameaçava ultrapassar a taxa dos 100% ao ano —, seja para criar condições de equilíbrio externo da economia. Foi possível, não obstante, logo no primeiro ano, recuperar a renda real, a qual, a partir de então, passou a crescer a um ritmo seguro. De 1968 em diante, quando as medidas básicas de saneamento econômico já haviam alcançado o seu objetivo, o país passou a crescer a um ritmo sem precedentes.

Em termos reais, de 1968 para cá, o Produto Interno Bruto mais que duplicou e a renda *per capita* subiu em quase 65%. É importante notar que o grande aumento real verificado na capacidade produtiva do país ocorreu com aceitável equilíbrio na expansão dos setores primário, secundário e terciário da economia.

Graças a esse progresso e à confiança que eles criaram no empresariado e no público brasileiro, bem como nos homens de negócio estrangeiros com interesse em nosso país, pôde o Brasil enfrentar a atual crise econômica internacional.

No ano passado, sob vários aspectos o pior dessa crise, a economia brasileira manteve-se em expansão, embora, necessariamente, a um ritmo mais lento do que o registrado no período precedente.

A consciência que tem o Governo dos perigos de um processo inflacionário — igualmente agravado pela crise externa — levou-o a forçar, deliberadamente, a redução da taxa de expansão econômica, apesar dos reflexos negativos de tais medidas do ponto de vista de vários setores da opinião pública. Tal atitude mais uma vez evidencia o caráter racional de nossa política. A inflação, decorrente em larga proporção da crise econômica internacional, é, no momento, o alvo principal da política econômica no plano interno, assim como o equilíbrio do balanço de pagamentos tem sido o objetivo principal no plano externo. O acerto das medidas adotadas e da sua necessária conjugação já se reflete num arrefeci-

mento das pressões em ambos os setores, o que nos permite antever que certas medidas, que fomos forçados a tomar, terão limitada duração e cederão lugar, por fim, a uma política mais flexível, como sempre foi a nossa meta.

Os resultados obtidos e, mais que isso, a racionalidade da política que lhes está subjacente, tem valido, a meu país, a confiança da comunidade internacional dos homens de negócio. A estabilidade política de que o Brasil tem gozado nos últimos doze anos, somada ao tratamento dispensado ao capital estrangeiro, é fator positivo de crescimento e tem favorecido a participação da técnica e do capital estrangeiro em nosso processo de desenvolvimento. A par de medidas para redução do *deficit* em nossas transações correntes com o exterior, uma sábia administração da dívida externa, que tem por base a compatibilização do nível do endividamento com a geração de recursos para a sua amortização, permite-nos absorver, de forma ordenada, novos fluxos de capitais externos, sem risco para os seus fornecedores.

Não seria completo o retrato da fase atual por que passa o Brasil, se não mencionasse, também, os esforços que têm sido feitos no campo social. A consciência de que a estabilidade política — base do crescimento econômico — está diretamente ligada à estabilidade social e o sentimento de que o desenvolvimento não é um objetivo abstrato, mas deve visar ao próprio homem, têm levado os Governos da Revolução brasileira a darem atenção especial aos aspectos sociais do desenvolvimento. Beneficiária

do crescimento alcançado nos Governos precedentes, pôde minha administração imprimir renovado impulso às medidas que visam à maior disseminação dos frutos do crescimento econômico. Essa melhoria efetiva dos padrões de vida da população deverá assegurar base duradoura para a estabilidade das instituições políticas, o que constitui a garantia maior com que podem contar os investidores estrangeiros.

Senhores empresários,

Espero haver oferecido aos Senhores um quadro geral das idéias do meu Governo quanto à evolução econômica do meu país e as potencialidades da cooperação nipo-brasileira. Estou certo da vitalidade dessas relações que resultarão em benefício crescente para ambas as Nações.

Agradeço a honrosa homenagem que me prestam, considerando-a, sobretudo, como homenagem a meu país.

Peço a todos que bebam comigo à prosperidade de nossos dois países e ao constante aprimoramento das relações entre os nossos povos.